

Resumo

A construção do presente texto assenta na análise de um conjunto de documentos relativos à sacristia da igreja do convento da Graça de Lisboa, em articulação com a investigação previamente realizada acerca do monumento fúnebre de Mendo de Fóios Pereira, localizado naquele espaço.

Os documentos fazem parte de dois manuscritos e reportam-se todos à obra da sacristia mas o uso que deles faremos traduz-se em duas abordagens diferentes e complementares. Enquanto o primeiro documento nos revela nomes dos artistas envolvidos na obra do santuário da sacristia, de 1710 em diante, o segundo é como que a conta corrente das despesas tidas com a sacristia, revelando-nos assim o quotidiano, o ritmo da vida daquele espaço.

Finalmente, é importante notar que, quanto aos artistas referidos no primeiro documento, a nossa atenção incidirá preferencialmente sobre aquele que nos tem ocupado em tempos mais recentes, João Frederico Ludovice, verdadeiro director artístico do reinado de D. João V. Ainda que não ignorando naturalmente os restantes, o escultor Claude Laprade e o pintor Estêvão Amaro Pinheiro. ●

Abstract

This text consists in the analysis of a group of documents concerning the sacristy of the Augustine convent of Nossa Senhora da Graça in Lisbon and their relation with a previously developed research about the tomb of Mendo de Fóios Pereira which stands in that space.

The documents are part of two different manuscripts both related to the works of the sacristy but the way I shall use them will differ, making possible different and complementary approaches to the subject. While the first document reveals the names of the artists related to the works in the so called sanctuary of the sacristy since 1710, the second document is like a current account of the expenses due to these works, showing us everyday life, its rhythm and occurrences, in such space during more than three decades.

Finally it is important to mention that, as far as the artists are concerned, our attention will inevitably be focused in João Frederico Ludovice. The sculptor Claude Laprade and the painter Estêvão Amaro Pinheiro will not also be ignored. ●

Arbitragem Científica Peer Review

José Alberto Gomes Machado
Universidade de Évora

Álvaro Recio Mir
Universidade de Sevilla

palavras-chave

LUDOVICE
LAPRADE
AMARO PINHEIRO
SACRISTIA
GRAÇA

key-words

LUDOVICE
LAPRADE
AMARO PINHEIRO
SACRISTY
GRAÇA

Data de Submissão
Date of Submission
Fev. 2013

Data de Aceitação
Date of Approval
Mar. 2014

LUDOVICE, LAPRADE E AMARO PINHEIRO NA SACRISTIA DA IGREJA DA GRAÇA DE LISBOA

CONTRIBUTOS PARA O CONHECIMENTO DA AUTORIA E DA VIDA QUOTIDIANA DE UMA OBRA DE ARTE

TERESA LEONOR M. VALE

ARTIS – Instituto de História da Arte, FLUL
teresalmvale@gmail.com

Breves considerações prévias

¹ No âmbito de um projecto para o qual dispusemos de uma bolsa de pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia entre 2004 e 2007, intitulado: *Tumultuária Portuguesa do Maneirismo e do Barroco. Surgimento, definição e difusão de tipologias morfológicas e programas iconográficos* e no âmbito temático do qual pudemos efectuar várias publicações, entre as quais é pertinente destacar as seguintes: Vale 2003a, Vale 2003b, Vale 2005, Vale 2009, Vale 2010a.

² Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa (A.P.L.), *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613 (“*Livro do Recibo e Gasto do Santuario da Sacristia de Nossa Senhora da Graça*”) e *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682.

A génese do presente texto reside na descoberta por Vítor Serrão de um conjunto de documentos relativos à sacristia da igreja do convento agostinho de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, constantes do acervo do Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa. Tais documentos apenas por generosidade do investigador chegaram ao nosso conhecimento. Assim, a construção deste texto assenta na análise que nos foi dada fazer dessa nova documentação, em articulação com a investigação previamente realizada em torno do monumento fúnebre de Mendo de Fóios Pereira, localizado naquele espaço ¹.

Ainda no contexto destas breves considerações prévias e acerca da documentação identificada por Vítor Serrão cumpre notar o seguinte: os documentos fazem parte de dois manuscritos ² e reportam-se todos à obra da sacristia da Graça mas o uso que deles faremos traduz-se em duas abordagens diferentes e complementares. Enquanto o primeiro documento nos revela nomes dos artistas envolvidos na obra do santuário da sacristia, desde o ano de 1710 em diante, o segundo documento é como que a conta corrente das despesas tidas com a sacristia, revelando-nos assim

o quotidiano, o ritmo da vida daquele espaço e das intervenções que no mesmo se iam efectuando ao longo de mais de três décadas. Ainda que abordados no corpo de texto, os conteúdos do segundo documento (cujas balizas cronológicas são 1711-1747), serão preferencialmente objecto de um tratamento sistematizado em quadro (apresentado em anexo), no que ao arco temporal dos primeiros 15 anos concerne, por serem estes particularmente significativos.

Finalmente, é ainda importante notar que, quanto aos artistas referidos no primeiro documento, a nossa atenção incidirá preferencialmente sobre aquele que nos tem ocupado em tempos mais recentes, João Frederico Ludovice³. Ainda que não ignorando naturalmente os restantes, consideramos que a eventual relevância de um nosso contributo concernente ao ourives alemão será maior do que aquele sobre um escultor que nos interessa mas que não estudámos cuidadosamente – Claude Laprade – ou aquele sobre um pintor que, para nós, era quase um desconhecido – Estêvão Amaro Pinheiro.

³ A nossa investigação em torno de Ludovice tem-se efectuado sobretudo no contexto de um projecto de investigação (para o qual dispusemos de uma bolsa de pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia entre 2007 e 2012), intitulado: *Ourives e Escultores. A Ourivesaria Barroca Italiana em Portugal – Acervo, contexto, agentes e processos de importação*; entre as publicações nesse âmbito tivemos ocasião de concretizar, refira-se: Vale 2010b.

A obra da sacristia da Graça e seus encomendadores

Parte da obra da sacristia da igreja da Graça de Lisboa, à qual se reportam os manuscritos a que se tem vindo a fazer referência, foi financiada por D. Fr. António Botado (1651-1715) – religioso da ordem de Santo Agostinho, qualificador do Santo Ofício, examinador das Três Ordens e do priorado do Crato, deputado do Tribunal da Bula da Santa Cruzada, conselheiro de D. Pedro II, coadjutor dos arcebispos de Braga e bispo de Hipónia, por concessão do papa Inocêncio XII –, ao qual repetidamente vão fazendo alusão.

Porém, a ligação familiar à sacristia da Graça teve início com um irmão de D. Fr. António, Mendo de Fóios Pereira, cujo monumento fúnebre se encontra naquele espaço (Fig. 1). Com efeito, o enviado de Portugal em Madrid e secretário de Estado de D. Pedro II, Mendo de Fóios Pereira (1643-1708), elegeu o convento de religiosos agostinhos de Nossa Senhora da Graça de Lisboa para local de sua sepultura com diversas motivações, não sendo estranho às mesmas o facto de um dos seus irmãos, D. Fr. Pedro de Fóios (1641-1708), ser precisamente religioso nessa casa, da qual foi por duas vezes prior. Aliás, as figuras destes três irmãos são fundamentais para se compreender as motivações e as concretizações da obra.

Nascido em Tomar em 1643, Mendo de Fóios Pereira (Bernardino 1973, 226-230; Cruz 1963; Espírito Santo 1997, 87-89; Machado 1752, III, 459-460; Vale 1994) era filho do desembargador da Casa da Suplicação com o mesmo nome e de D. Maria Correia de Silveira, sua mulher (filha de António Ribeiro Correia Cheles e de D. Luísa Botada). Bacharel em Jurisprudência Cesareia pela Universidade de Coimbra, Mendo Fóios foi sucessivamente corregedor do Cível do Porto (1666), juiz do Cível de

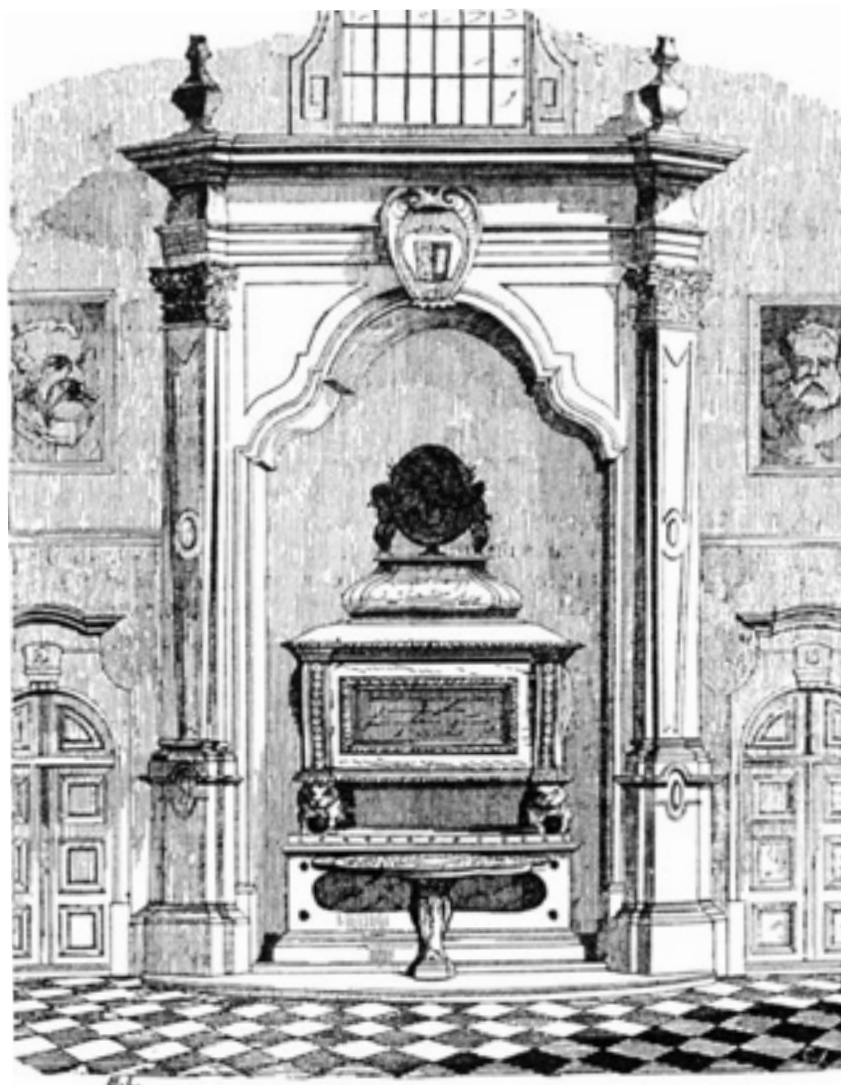


Fig. 1 – Monumento fúnebre de Mendo de Fóios Pereira, sacristia da igreja da Graça, Lisboa. Gravura publ. por *Archivo Pittoresco*. 1964, II, 181.

Lisboa e, em seguida, escrivão do Senado da mesma cidade. Numa breve incursão pela carreira diplomática, foi Mendo Fóios Pereira enviado de Portugal em Madrid e depois secretário de Estado de D. Pedro II, nomeado por carta régia de 20 de Agosto de 1688.

Mendo Fóios casou, a 8 de Fevereiro de 1681, com D. Juliana Maria Jordão de Noronha (filha do poeta D. Tomás Jordão de Noronha), não tendo havido descendência deste matrimónio. Para além do desempenho dos cargos e das actividades acima mencionadas, Mendo Fóios Pereira foi ainda poeta, tendo alguns dos seus textos sido publicados (Machado 1752, III, 459-460).

Entre os irmãos de Mendo de Fóios Pereira contavam-se: D. Fr. Pedro de Fóios (1641-1708), D. Fr. António Botado (1651-1715), ambos religiosos da ordem de Santo Agostinho, possuindo o primeiro (que foi por das vezes prior do convento

da Graça) o título de bispo de Bona e o segundo o de Hiponia, e Estêvão de Fóios Pereira (m. antes 1706), fidalgo capelão (1694), familiar do Santo Ofício e inquiridor em Lisboa.

O estatuto social, o contexto familiar e ainda as posses financeiras de Mendo de Fóios Pereira permitiram a este funcionário do aparelho do Estado erigir para si um monumento fúnebre de relevo, integrado num espaço cujo usufruto fora por si adquirido para tal efeito. De facto, Mendo de Fóios Pereira contratara-se, a 25 de Julho de 1675, com os religiosos agostinhos do convento da Graça a fim de obter a cedência do padroado da sacristia e do denominado santuário (onde se guardavam numerosas relíquias), promovendo a sua reedificação e adquirindo o direito de nesse local erigir o seu monumento fúnebre⁴.

A datação que propomos para o monumento, c. 1706-1708, na ausência de referências directas e explícitas, resulta precisamente das notícias disponíveis acerca dessas obras de reedificação, as quais provêm de duas fontes: o testamento de Mendo de Fóios Pereira, datado de 11 de Junho de 1706, de cuja leitura se depreende que as obras se encontravam em curso; e o texto de autor anónimo, publicado sob o título de *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, no qual o capítulo dedicado à igreja da Graça (cuja data de redacção será 1705-1706) confirma que as obras da sacristia já decorriam, escrevendo: “(...) da qual [sacristia] terá muyto mays que dizer, dentro de poucos annos, quem vir acabada a que se começa agora a fazer, que fará muytas ventajens à que serve de presente posto que muyto boa.”⁵.

O monumento fúnebre (que parece ter resistido bem à destruição que no espaço causou o terramoto de 1755) apresenta-se constituído por arca paralelepípedica, em cujo facial se reconhece o epitáfio⁶, assente sobre suportes zoomórficos e dotado de uma componente ornamental de embutidos marmóreos em tricromia e escultura figurativa no remate superior (Fig. 2).

O seu carácter excepcional, que justificou a sua menção por diversos autores (Almeida 1973, V, 117-118; Araújo 1955, X, 53; Baião 1915, 130; Costa 1869, III, 253; Jorge 1994, 431; Pereira & Rodrigues, 1905-1911, III, 501; Pimentel 1991, II, 243-268; Ribeiro 1939, 25-26; Sales 1925, 165-169; Simões 2002, I, 262-266; Vale 2004, 207), traduziu-se também na sua classificação (da sacristia e do monumento fúnebre) como Monumento Nacional, pelo decreto de 16 de Junho de 1910.

A autoria do monumento fúnebre nunca foi directamente abordada, cremos porém não ser descabida uma aproximação ao círculo do arquitecto régio João Antunes (1643-1712), não podendo ainda excluir-se a intervenção de um escultor, que o carácter figurativo dos suportes (leões) e sobretudo do remate superior (dois *putti* e um medalhão de temática alegórica em bronze) tornam indispensável e inegável (Fig. 3).

A alusão ao círculo de João Antunes pode ainda ser equacionada tendo em conta que a porta da sacristia onde se encontra o monumento fúnebre, e que foi renovada por iniciativa de Mendo de Fóios Pereira, se encontra atribuída ao arquitecto régio

⁴ A escritura, celebrada entre os religiosos agostinhos e Mendo de Fóios Pereira com vista à cedência do padroado do santuário e sacristia, e que sabemos ter sido feita nas notas do tabelião Domingos de Carvalho, é hoje impossível localizar no fundo que guarda as sobrevivências dos Cartórios Notariais no Arquivo Nacional da Torre do Tombo; deve porém referir-se o documento com o N.º 637 do fundo de *Manuscritos da Livraria* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo intitula-se *Memórias desta Província* (fl. 2v.), o qual se trata de uma memória enviada à Real Academia de História, c. 1722, contendo uma descrição da igreja da Graça, na qual se referem umas lápides alusivas à instituição da capela de Mendo de Fóios Pereira, que permaneceram na sacristia até 1755; a leitura encontra-se porém extremamente dificultada pelo mau estado do documento e pelo tipo de letra.

⁵ Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Registo Geral de Testamentos*, Livro 117, fls. 94v.-99, parcialmente publ. por Simões 2002, II, 172-175 e Lima 1950, Vol. I, 139.

⁶ Cujo teor é o seguinte: *QVI LAPIDI INCIDENTA, CEDRO QUI DIGN LOCUTVS / VOX FVIT IMPERIJ, LYSIA CLARA TVI / HIC MENDVS TACET: EGREGIVM AC MEMORABILE NOMEN / HEROIS CLAMANT EI CEDRVS, ET LAPIDES / D. 5 7BRIS AN. 1708*. Transcrição nossa. O epitáfio fora já publicado por MOREIRA 1910, Vol. I, Fasc. 2: 202, SOUSA 1940, 31 e por BERNARDINO 1973, 226.



Fig. 2 – Monumento fúnebre de Mendo de Fóios Pereira, sacristia da igreja da Graça, Lisboa.



Fig. 3 – Monumento fúnebre de Mendo de Fóios Pereira, sacristia da igreja da Graça, Lisboa. Componente escultórica da parte superior e armas no fecho do arco.

⁷ Veja-se o caso da porta da sacristia da antiga igreja do colégio jesuíta de Santo Antão-o-Novo em Lisboa, actual capela do Hospital de S. José – cf. MARTINS 1994

⁸ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 36v.

(Birg 1988, 36) e, apesar da inexistência de fundamentação documental até ao momento, a obra em questão evidencia claras afinidades com outras cuja autoria de João Antunes se encontra documentalmente comprovada⁷. Deve porém, no âmbito desta questão, referir-se que estes novos documentos podem trazer também um contributo pois o segundo manuscrito, sempre reportando-se à obra da sacristia, refere a realização, em 1722, de um “*Portico do Convento de Nossa Senhora da Graça (...) que a fabrica estava devendo á testamentaria do Senhor Bispo de Hipo-nia, que Deos tem (...)*”, o qual foi feito pelo mestre pedreiro José dos Santos⁸. A questão que se coloca é se seria este pòrtico aquele até ao presente atribuído (sem base documental, recorde-se) ao arquitecto João Antunes ou se se trataria de uma outra porta existente na mesma sacristia ou se se trataria ainda de uma intervenção, em meados da década de 20, numa peça já existente, eventualmente realizada por Antunes.

Ora esta campanha de obras de Mendo Fóios Pereira na sacristia da igreja do convento da Graça viu-se ainda enriquecida e continuada por iniciativa de seu irmão D. Fr. Antônio Botado, como se referiu e desde logo revela Diogo Barbosa Machado, na biografia do secretário de Estado de D. Pedro II, constante da sua *Biblioteca Lusitana*, na qual se pode ler a seguinte passagem: “*Jaz sepultado em hum soberbo*

Mausoleo em a sancristia do convento de N. S. da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho ornada de admiráveis quadros de insignes pintores por seu irmão D. Fr. Antônio Botado Bispo de Hiponia (...).” (Machado 1752, III, 459) (negrito nosso).

A intervenção do bispo de Hiponia – cujo busto marmóreo, consideram alguns autores, se observa no monumento fúnebre de seu irmão⁹ (Fig. 4) – terá consistido sobretudo no enriquecimento artístico do espaço e na realização do denominado santuário, ou seja, o relicário múltiplo que ainda hoje se observa (ainda que não na sua versão primitiva e despojado de todos os seus relicários) no muro fronteiro ao do monumento fúnebre de Mendo de Fóios Pereira. A obra do santuário terá tido início em 1710 e Mendo de Fóios Pereira falecera em 1708, pelo que nessa data seria já D. Fr. Antônio Botado a assumir a supervisão dos trabalhos de um espaço e de uma obra ligada à sua família.

A obra do santuário e os seus artistas

O *Livro do Recibo e Gasto do Santuario da Sancristia de Nossa Senhora da Graça*, como o título indica, concerne precisamente às receitas e despesas inerentes à obra do denominado santuário, com início em 1710 e na qual desde logo se reconhece a intervenção do Bispo de Hiponia, pois foi ele quem custeou uma águia de prata para a relíquia de Santo Agostinho, o patrono da Ordem e da casa: “*Para 9 marcos 6 onças e 2. Oitavas de prata que pezou a Aguia da Reliquia de Nossa Mãe Santa Monica que he de Nosso Padre Santo Agostinho a deu o Senhor Bispo de Hypponia de esmola ao santuário (...).*”¹⁰ (negrito nosso) e, mais adiante, o mesmo documento revela que foi igualmente D. Fr. Antônio Botado quem pagou os “*20 vidros para os nichos fora da cappella que os della pagou o Senhor Bispo de Hipponia que se comprarão por diversos preços por respeito do tamanho delles, como consta da certidão dos vidraceiros Joze Rodrigues da Cruz e Manoel Nunes (...).*”¹¹. Contudo, do ponto de vista da história da arte, o maior interesse deste manuscrito – cuja datação para a parte que agora nos importa, pode ser fixada em 1715¹² –, reside em alguns dos seguintes itens, pelos quais se revelam os nomes de pelo menos três artistas envolvidos na obra do santuário: o ourives alemão João Frederico Ludovice (1673-1752), o escultor francês Claude Courat de Laprade (1682-1738) e o pintor português Estêvão Amaro Pinheiro.

Pode assim ler-se: “*Para 9 marcos 6 onças e 2. Oitavas de prata que pezou a Aguia da Reliquia de Nossa Mãe Santa Monica que he de Nosso Padre Santo Agostinho a deu o Senhor Bispo de Hypponia de esmola ao santuário feito e mais custo, como consta da certidão do ourives João Frederico, que a fez, cento e vinte e nove mil e settecentos reis (...). Para noventa e dous meys corpos a rezão de 30 reis, sette braços e 15 caixottes de entalhado para as reliquias como consta da certidão do Mestre Claudio Lapará que fes a dita obra, trezentos mil reis (...)* Para 16

⁹ Cf. Espírito Santo 1997, 88-91; note-se que a colocação do busto (seja ele de D. Fr. Antônio Botado ou não) corresponde a uma solução encontrada num momento posterior, pois é completamente estranho à lógica compositiva do conjunto; note-se ainda que da gravura do monumento fúnebre publicada em 1864 pelo *Arquivo Pittoresco*. 1864, Vol. II, 181) não consta o busto.

¹⁰ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 31.

¹¹ *Idem*, fl. 31v.; no segundo manuscrito, outras referências ao bispo de Hiponia são reconhecíveis; mesmo após o seu falecimento (ocorrido em 1715), o prelado é referenciado através do seu testamenteiro, o Padre Fr. Gabiel de Barros.

¹² A fl. 33 refere-se o Natal de 1714 como sendo o do “*anno passado*” e conclui-se a primeira parte dos assentos com a data de 27 de Maio de 1715.

Fig. 4 – Monumento fúnebre de Mendo de Fóios Pereira, sacristia da igreja da Graça, Lisboa. Busto do bispo de Hiponia (?).



¹³ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 31-31v.

¹⁴ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 31v.

¹⁵ Que forneceu círculos de latão “*pera se porem as Reliquias nos meynos corpos e braços*”, A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 32.

¹⁶ Que dourou os supra-mencionados círculos de latão, A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 32.

*milheiros e seis livros de prata que levarão os meynos corpos, braços e cofres e para o feitio do **pintor Amaro Pinheiro** como consta do seu recibo, cento e trinta e quatro mil reis (...).¹³ (negritos nossos).*

Para além de Ludovice, Laprade e Amaro Pinheiro, bem como dos já mencionados vidraceiros José Rodrigues da Cruz e Manuel Nunes¹⁴, estiveram envolvidos na obra do santuário o latoeiro Antônio João¹⁵ e o dourador Francisco Correia¹⁶, durante os primeiros anos de Setecentos, e ainda outros artistas, artífices e oficiais de diversos mesteres, nomeados ou não, no restante arco temporal de que os manuscritos dão notícia (Quadro 1).

Quanto a **Ludovice** não nos vamos deter neste texto em apontamentos biográficos ou particulares considerações quanto à sua actividade enquanto ourives – pois é enquanto ourives que se regista a sua intervenção no âmbito da obra do santuário da sacristia da Graça – em Roma e em Portugal, visto que recentemente o fizemos noutra sede (Vale 2010b), ainda que a investigação subsequente tenha trazido já

alguns novos contributos. Bastará, para efeitos de indispensável contextualização, referir o seguinte: no ano de 1700 viajou João Frederico Ludovice de Roma para Lisboa, onde chegou a 19 do mês de Agosto, na companhia da mulher, de um oficial flamengo (também ele acompanhado da respectiva esposa) e ainda de um outro oficial romano, tido como bom fundidor, contratado em Génova¹⁷. Decerto já informado pelos jesuítas de Roma e estando devidamente contratada a incumbência de realizar trabalhos no âmbito da ourivesaria para os padres da Companhia em Portugal, pode reconhecer-se Ludovice, logo nesse ano de 1700, empenhado na realização do sacrário e de uma banqueta para o altar-mor da igreja do colégio de Santo Antão-o-Novo, casa jesuíta da capital. Entre os anos de 1700 e 1706 – mas não sem interrupções, devido aos elevadíssimos custos em que se estimava a empresa (300.000 cruzados) – realizou Ludovice parte da obra do monumental sacrário do altar-mor de Santo Antão-o-Novo, ficando saldadas as contas apenas em 1712. Nos anos imediatos e até 1717 as notícias que temos do artista alemão reportam-se sempre a obras de ourivesaria, sendo certo que João Frederico Ludovice trabalha para outros clientes que não a Companhia de Jesus, pelo que o reconhecemos empenhado em obras designadamente para a ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo e para os Agostinhos (como esta nova documentação vem revelar), e depois, para empreendimentos do próprio soberano, no âmbito da ourivesaria, como naquele da arquitectura, como é por demais conhecido. Por volta de 1717/1718 tinha assim início uma relação entre o artista alemão e o monarca Magnânimo que só se concluiria com a morte deste último, ocorrida em 1750. Todavia, não pode ignorar-se o facto de que Ludovice substituiu o ourives pelo arquitecto, pois de facto o artista alemão continuou, a realizar, bem como a projectar e orientar obras de ourivesaria, mesmo que estas fossem concretizadas por outros ourives. Assim, identifica-se obra de ourivesaria de João Frederico Ludovice em datas bastante posteriores a 1717, a qual se reconhece unanimemente como ano-chave, para o envolvimento do alemão nas grandes empresas arquitectónicas joaninas (Vale 2010b, 69-70).

O contributo destes novos documentos, no âmbito do percurso de Ludovice entre nós, é da maior relevância quanto a dois aspectos que vêm sem sombra de dúvida atestar: o envolvimento do ourives alemão numa obra com a qual até ao presente não estava de forma alguma associado; a sua actividade enquanto ourives no ano de 1710 (e anos imediatos) para uma ordem religiosa que não a Companhia de Jesus. Efectivamente, este assento de receitas e despesas relativas à obra do santuário da Graça, não traz apenas informes da maior relevância quanto à(s) autoria(s) de uma obra que permanecia por conhecer mas confirma a circunstância de ter Ludovice entrado no nosso país como um artista da Companhia (tendo desde logo em Roma, de onde vinha, firmado o necessário contrato com os padres jesuítas com vista à realização do sacrário de Santo Antão-o-Novo, assegurando assim que ele se adequaria ao famoso “*modo nostro*”), mas que o mesmo não se encontrava no que hoje designaríamos um regime de exclusividade, como a realização de outras obras já deixava adivinhar e estes novos documentos vêm comprovar e sublinhar.

¹⁷ Cf. A.N.T.T., *Jesuítas*, Caixa 16, Maço 92, Doc. 2, fl. 9v.

Fig. 5 – Santuário da sacristia da igreja da Graça, Lisboa. Estado actual.

¹⁸ Cf. A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 31.

¹⁹ Cf. A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 31.

²⁰ Arquivo Paroquial de S. Miguel de Alfama (A.P.S.M.A.), *Livro 2 de Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento 1678-1735*, fl. 72-72v., ref. por Serrão, Vítor. 1998, 347-362 (referência a p. 351) e Serrão, Vítor. 2001. *A Cripto-História da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte: 125-148 (referência a pp. 131-132); cf. também Serrão, Vítor. [2012]. O 'Brutesco Nacional' e a Pintura de Azulejos no Tempo do Barroco (1640-1725), texto que nos foi facultado ainda inédito pelo autor (a quem reconhecidamente agradecemos) e que integrará um catálogo de uma exposição temporária do Museu Nacional do Azulejo (Lisboa).



Para o relicário múltiplo da sacristia da igreja do convento lisboeta de Nossa Senhora da Graça, João Frederico Ludovice realizou duas águias de prata para as relíquias (entenda-se relicários) de Santo Agostinho (a qual foi paga pelo bispo de Hiponia, como já se referiu) e de Santa Mônica. Esta última (na qual se gastaram 9 marcos, 6 onças e 2 oitavas do metal precioso) custou, de material, “*feitio, e mais custo*”, 129\$700 reis¹⁸. Sendo que esta informação se reporta aos anos entre 1710 e 1715, pode presumir-se que a feitura da segunda águia terá ocorrido por essa data, enquanto a da primeira remontará a um momento anterior (Fig. 5).

Quanto a **Claude Courat de Laprade**, um daqueles artistas a quem a historiografia da arte nacional concedeu desde sempre grande atenção (Carvalho 1974, 6 e ss.; Carvalho 1957, 13; Carvalho 1962, II, 231; Carvalho 1964, 29-65; Lopes 2001), por força da notável obra que marca o início da sua presença entre nós: o monumento fúnebre do bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, na capela de Nossa Senhora da Penha de França na Vista Alegre (Vale 2007), terá tido um contributo ainda mais significativo para o santuário da sacristia da Graça.

Com efeito, já em Lisboa desde os primeiros anos da centúria de Setecentos, como era sabido, Claude Laprade, como o revela esta documentação, estava em plena actividade na capital e no âmbito da escultura em madeira, na segunda década do século. Assim, para o relicário múltiplo da sacristia da igreja do convento lisboeta de Nossa Senhora da Graça, o escultor provençal, referenciado como “*Mestre Claudio Lapará*”, realizou (presume-se que em madeira) entre 1710 e 1715, 92 meios corpos, 7 braços e 15 “*caixotes de entalhado*”¹⁹, ou seja, um total de 114 relicários, 92 em forma de busto, 7 em forma de braço e 15 pertencentes à tipologia caixa ou cofre. A presunção de que estas obras seriam em madeira reside não apenas no facto de ser este o material mais frequentemente eleito para este tipo de peça mas também pela informação constante do mesmo documento e que se reporta já à intervenção do pintor **Estêvão Amaro Pinheiro**, como se verá.

Não é muito o que acerca deste artista se conhece e as referências à sua actividade encontram-se quase exclusivamente na obra de Vítor Serrão. Assim, é-nos dado saber que em 1699, Estêvão Amaro Pinheiro, juntamente com os, como ele, “*pintores de brutesco*”, Miguel dos Santos e Lourenço Nunes Varela pintavam o tecto da igreja lisboeta de S. Miguel de Alfama²⁰. Já na igreja de S. Cristóvão, sempre da capital, e escassos anos volvidos, concretamente em 1701, o mesmo trio de pintores, Estêvão Amaro Pinheiro, Miguel dos Santos e Lourenço Nunes Varela, era responsável pela pintura e douramento do tecto e cimalha do templo, pelo que foi pago o montante de 500\$000 reis²¹.

Interessante e digno de nota é o facto de os três pintores constituírem, em mais de uma circunstância, uma equipa para a satisfação de uma empreitada e ainda a coincidência da presença de Estêvão Amaro Pinheiro na primeira obra (em S. Miguel de Alfama) com a de outros dois artistas que podem também reconhecer-se na obra da sacristia da Graça: o escultor Claude Laprade, com certeza, e o arquitecto João Antunes, eventualmente. Em S. Miguel de Alfama, João Antunes é autor do “risco” da frontaria, Laprade é o autor de uma estátua de barro e Estêvão

Amaro Pinheiro executa a pintura do tecto (em parceria, como se referiu) (Serrão 1998, 351 e Serrão 2001, 131-132). Já na sacristia da Graça, Antunes poderá ter sido o responsável pela porta de acesso ao espaço (Figs. 6 e 7), enquanto Laprade realizou um total de 114 relicários para o santuário e Amaro Pinheiro pintou, ou melhor, prateou precisamente estes relicários (bustos, braços e cofres), efectuados pelo escultor francês.

Com efeito, o contributo do pintor Amaro Pinheiro para o relicário múltiplo da sacristia da igreja do convento lisboeta de Nossa Senhora da Graça consistiu em pratear os relicários de Laprade, para o que empregou “16 milheiros, e seis Livros (sic) de prata, que Levarão os meyo corpos, braços, e Cofres, e pera o feitio”²² e pelo que auferiu 134\$000 reis, “como consta do seu Recibo”²³. Actividade que não seria decerto estranha a um pintor que procedera já ao douramento do tecto e cimalha da igreja de S. Cristóvão.

Ainda quanto a autorias, os dois manuscritos oferecem ainda algumas outras informações. Assim, e para além da intervenção do já mencionado mestre pedreiro José dos Santos, que terá realizado uma porta da sacristia no ano de 1725, é-nos dado conhecer o contributo do ourives Luís Rodrigues Palma que, entre 1711 e 1713, realizou duas jarras e respectivos ramalhetes em prata²⁴, peças “que o Padroeiro da Cappella do Santuario mandou se fizessem do rendimento da fabrica”²⁵. Por outro lado, já na década de quarenta, regista-se o pagamento devido a um pintor, este lamentavelmente não identificado “que retocou (...) todos os painéis”²⁶ e ao entalhador Jorge Soares por trabalho de talha realizado no santuário²⁷, cujo douramento ficou depois a cargo dos mestres pintores Agostinho Ferreira e José dos Santos²⁸.

²¹ Arquivo de S. Cristóvão de Lisboa (A.P.S.C.L.), *Livro 1 de Receita e Despesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento 1696-1726*, fl. 19 e ss. – cf. Vítor Serrão [2012] e Coutinho et al. 2011.

²² A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 31v.

²³ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 31v.

²⁴ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 31.

²⁵ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 31.

²⁶ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 48v.

²⁷ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 49v.

²⁸ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 49v.



²⁹ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 50v.

³⁰ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 32v.

³¹ Cf. A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 35v.

³² Cf. A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 36.

³³ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 37.

³⁴ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 35v.

³⁵ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 32v.

³⁶ Cf. A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 613, fl. 39v.

³⁷ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 32.

³⁸ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 33.

³⁹ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 32.

⁴⁰ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, respectivamente fl. 31v. e fl. 32.

⁴¹ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 32v.

⁴² A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 38.

⁴³ Cf. A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 32v.

Finalmente o último fólio do segundo manuscrito reserva uma última revelação no domínio das autorias. Com efeito, no ano de 1747 registava-se o pagamento de 12\$800 reis ao arquitecto Manuel da Costa Negreiros (1702-1750) pelos *“riscos, que fês pera a obra do Santuario e também por vir algumas vezes corrigir (?) os officiaes”*²⁹. A segunda parte do assento confirma a realização da obra, podendo assim assegurar-se que a mesma não permaneceu em projecto aguardando uma apenas eventual concretização.

A vida quotidiana de uma obra de arte: a sacristia da Graça entre 1710 e 1747

Os restantes fólhos do manuscrito 613 e a totalidade do manuscrito 682, embora não contenham muitas mais revelações no domínio das autorias, permitem porém toda uma outra abordagem da mesma obra, a sacristia da igreja do convento agostinho da Graça de Lisboa. De facto, os registos contidos nestes documentos revelam o que poderíamos designar a vida quotidiana da obra até ao ano de 1747.

A informação neles contida – e que se apresenta sistematizada em quadro no final deste texto, no que aos anos de 1711 a 1725 concerne – permite assim colher contributos e tirar ilações quanto a diversos aspectos:

- O **completamento** do santuário. Ao longo de vários anos vão sendo realizados e incorporados na obra outras componentes e novos relicários, designadamente: uma peanha nova para a cruz de pedraria e duas peanhas novas para as águias de prata (decerto as da autoria de João Frederico Ludovice)³⁰; meios corpos de prata (ou mais provavelmente de madeira prateada, como os custos parecem indicar), em concreto de S. Martinho, de S. Tomás de Vilanova, de S. Paulo, de S. Pedro (em 1728)³¹, de S. Matias e de S. Tiago (1731)³², de Santo André e de S. Tomé (1734)³³. Ainda no âmbito da prossecução da obra reconhecem-se as despesas por mandar pratear 10 bustos (meios corpos) e uma peanha, no ano de 1728³⁴.
- A **reparação** de diversas componentes, como por exemplo o conserto de 4 pirâmides e 2 custódias (certamente 4 relicários em forma de pirâmide e 2 da tipologia relicário-ostensório, os quais frequentemente recebem esta designação na documentação) (Vale 2009b) *“que estavam maltratadas e se lhe porem vidros novos”*³⁵. Igualmente no contexto das reparações, identificam-se os custos devidos à substituição de vidros dos relicários (decerto para substituir outros danificados)³⁶ ou de um espelho *“que estalou na Noite de 14 de Novembro deste anno de 1711”*³⁷. Reconhece-se por exemplo ainda o assento dos gastos com o *“concerto dos canos do lavatorio, e pêra o concerto das Cortinas de Lona”*³⁸.

Figs. 6 e 7 – Porta da sacristia da igreja da Graça, Lisboa. Coluna torsa e parte superior.

- A **manutenção** e a **introdução de melhoramentos vários** são reconhecíveis ao longo do manuscrito 682 com particular clareza. Identificam-se assim a colocação de uma grade de ferro que “*pera maior segurança da sancristia se pos no arco da Janella do Lavatorio*”³⁹, a aquisição de peças têxteis como sejam um “*panno rico de Ló, que se fez para o bofette dos calices nas maiores festas*” ou uma “*cortina bordada de pano azul*”⁴⁰ ou ainda 5 tapetes “*pera os pes dos caixões e bancos da sancristia*”, os quais foram depois forrados com 20 varas de barbante⁴¹ e ainda um outro, alguns anos mais tarde, “*pera o pe do altar*”.⁴² Igualmente se identifica a despesa com pintura das grades da meia laranja do lavatório⁴³ e ainda a feitura de capas novas de carneira para as almofadas das cadeiras⁴⁴, por exemplo.
- A **limpeza**, a qual, numa das suas vertentes se encontra intimamente relacionada com a manutenção do bom estado de conservação do espaço e suas obras de arte. Neste domínio reconhece-se o assento de gastos referentes à “*Limpeza dos painéis e talha da Sancristia*”⁴⁵, bem como à “*Limpeza da prata do Santuario*”⁴⁶, que se repete a ritmo regular ao longo dos anos, constatando-se que decerto tal limpeza ocorreria na oficina do ourives encarregado da tarefa, uma vez que se reconhece o registo do montante correspondente ao pagamento do “*moço que levou a prata a casa do ourives*”⁴⁷. Por outro lado, as despesas com um tipo menos especializado de limpeza estão igualmente presentes, e destas são bom exemplo os custos devidos à “*Limpeza das vidraças*”⁴⁸, entre outras.
- A **decoração efêmera** do espaço da sacristia encontra igualmente eco no registo que até nós chegou, podendo identificar-se despesas realizadas com a limpeza específica do espaço por ocasião de uma determinada festa – de que é exemplo a “*Limpeza das vidraças na festa de Nosso Padre Santo Agostinho*”⁴⁹ ou a “*Limpeza do tecto e paredes da Sancristia pera a festa de Nosso Padre Santo Agostinho*”⁵⁰ – ou pela decoração pontual do mesmo. No contexto deste último tipo de iniciativa reconhecem-se pagamentos “*Ao armador de tirar e por Cortinas na Paschoa (...) e concerto delas*”⁵¹. Aliás, esta prática é a única que se repete no decurso de vários anos a ritmo regular (como se constata pela sistematização de parte da informação do manuscrito 682 no quadro que em anexo se apresenta e ao qual já se aludiu), de molde a justificar mesmo pagamentos anuais ao armador por esta tarefa de, ao longo de cada ano, pôr e retirar as cortinas⁵².

⁴⁴ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 40.

⁴⁵ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 33v.

⁴⁶ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 34; veja-se também fl. 35v., por exemplo.

⁴⁷ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 41.

⁴⁸ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 32v.

⁴⁹ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 32v.

⁵⁰ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 33.

⁵¹ A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 34v.

⁵² Cf. A.P.L., *Convento dos Agostinhos da Graça*, Ms. 682, fl. 35v., fls. 37, fl. 37v., por exemplo (ver Quadro 1).

Considerações finais

Os documentos identificados por Vítor Serrão no Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa relativos à obra da Sacristia da igreja do convento agostinho de Nossa Senhora da Graça de Lisboa e dos quais nos propusemos efectuar esta breve apresentação, permitem não apenas trazer novos contributos no âmbito da autoria

daquela obra – designadamente a intervenção, na primeira década de Setecentos, do ourives alemão João Frederico Ludovice, do escultor francês Claude Courat de Laprade e do pintor português Estêvão Amaro Pinheiro e mais tarde, já nos anos quarenta, do arquitecto Manuel da Costa Negreiros, para além de outros ourives, entalhadores e mestres pedreiros – mas também acompanhar o que designámos por vida quotidiana daquele espaço durante algumas décadas da primeira metade da centúria. Uma perspectiva que não é correntemente feita no contexto da historiografia da arte portuguesa mas que traduz a vida e a vivência de uma obra que perdura no tempo para além do momento da sua criação, como um organismo vivo que é. ●

Anexo

QUADRO 1 – Intervenções na capela do santuário da sacristia da igreja do convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, 1711-1725

(segundo o Ms. 682, fls. 31-37v., do fundo *Convento dos Agostinhos da Graça* do Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa)

Fólio	Data	Intervenção	Intervenientes	Custos
Fl. 31	1711-1713 ¹	Aquisição / feitura de 2 jarras de prata	Ourives Luís Rodrigues Palma	96\$580 reis ²
Fl. 31v.	1711-1713	Aquisição / feitura de 2 ramalhetes de prata	Ourives Luís Rodrigues Palma	85\$120 reis
Fl. 31v.	1711-1713	Aquisição / feitura de 2 pares de cortinas de damasco carmesim, encarnado e roxo franjadas a ouro	O vestimenteiro do convento, Manuel Moreira	508\$000 reis
Fl. 31v.	1711-1713	Aquisição / feitura de um <i>“panno rico de Ló que se fez pêra o bofette dos cálices nas maiores festas”</i>	O vestimenteiro do convento, Manuel Moreira	68\$120 reis
Fl. 32	1711-1713	Aquisição / feitura de uma cortina de pano azul bordada	O vestimenteiro do convento, Manuel Moreira	26\$460 reis
Fl. 32	1711-1713	Aquisição / feitura do vidro de um espelho <i>“que estalou na noite de 14 de Novembro deste anno”</i>	Vidraceiro (referido mas não identificado)	7\$200 reis ³
Fl. 32	1711-1713	Aquisição / feitura de uma grade de ferro para colocar no <i>“arco da janella do lavatório”</i>	Ferreiro (referido mas não identificado)	42\$450 reis
Fl. 32	1711-1713	Assentamento da supra mencionada grade	Ferreiro (?)	2\$730 reis
Fl. 32v.	1711-1713	Colocação de um vidro na vidraça do lavatório e limpeza das vidraças <i>“na festa de Nosso Padre Santo Agostinho”</i>	Vidraceiro	1\$200 reis
Fl. 32v.	1711-1713	Aquisição / feitura de 5 tapetes <i>“pera os pes dos caixões e bancos da Sacristia”</i>		41\$060 reis
Fl. 32v.	1711-1713	Conserto e acrescentamento das cortinas de lona	Alfaiate	1\$560 reis

CONTINUA

¹ Apesar deste manuscrito se iniciar com o título *“Começa o Gasto da fabrica dos cem mil reis que tem a Cappella do Santuario da Sacristia do Convento de Nossa Senhora da Graça, que começou em o anno de 1712”*, a fl. 32 pode ler-se *“deste anno de 1711”*, pelo que considerámos ser esta a data a que se reportam as primeiras despesas elencadas.

² As peças foram custeadas pelo padroeiro da capela.

³ Foi abatido no preço o valor dos pedaços quebrados do espelho antigo.

CONTINUAÇÃO

Fólio	Data	Intervenção	Intervenientes	Custos
Fl. 32v.	1711-1713	Pintura de vermelho das grades da meia laranja do lavatório	Pintor	1\$000 reis
Fl. 32v.	1711-1713	Aquisição de broxas para se limpar o ouro do Santuário e pagamento do <i>“homem que andou com as escadas na Limpeza delle na festa de Santo Agostinho”</i>		600 reis
Fl. 32v.	1711-1713	Aquisição de 20 varas de barbante para forrar os 5 tapetes supra mencionados		4\$880 reis
Fl. 33	1711-1713	Aquisição de escáfulas para a colocação das cortinas de fora das janelas da sacristia	Padre sacristão	2\$520reis
Fl. 33	1711-1713	Colocação de um vidro na vidraça da meia laranja do lavatório	Vidraceiro	420 reis
Fl. 33	1711-1713	Limpeza do tecto e paredes da sacristia para a festa de santo Agostinho		960 reis
Fl. 33	1711-1713	Aquisição de 15 varas de cordão carmesim para as cortinas da capela (do Santuário)		6\$300 reis
Fl. 33	1711-1713	Conserto dos canos do lavatório e das cortinas de lona	Picheleiro / latoeiro (?) Padre sacristão	5\$020 reis
Fl. 33v.	1711-1713	Limpeza da <i>“Lamina do tumulo, e pêra chumbar as peanhas com os Meninos”</i>		1\$200 reis
Fl. 33v.	1711-1713	Limpeza dos painéis e talha da sacristia		960 reis
Fl. 33v.	1711-1713	Conserto das fechaduras das portas da sacristia	Ferreiro / chaveiro Padre sacristão mor	2\$880 reis
Fl. 34	1716	Aquisição / feitura de 2 <i>“cortinas de brim novas, e, concerto das velhas”</i>	Padre sacristão	15\$900 reis
Fl. 34	1716	Limpeza da prata do Santuário, chaves e argolas; Colocação de cortinas (<i>“pôr, e tirar”</i>)	Ourives Padre sacristão	3\$840 reis
Fl. 34v.	1716	Aquisição de cordões e retrôs carmesim para a capela do santuário e túmulo	Padre sacristão	6\$320 reis
Fl. 34v.	1716	Feitura dos cordões supra mencionados	Passamaneiro	1\$320 reis
Fl. 34v.	1716	Aquisição / feitura de chaves, realização de pequenos consertos <i>“e outras miudezas”</i>	Ferreiro / chaveiro	4\$240 reis
Fl. 34v.	1717	Limpeza da sacristia, colocação de cortinas de dentro e de fora	Padre sacristão	3\$720 reis
Fl. 34v.	1717	Pagamento ao Padre Fr. Gabriel de Barros, testamenteiro do Bispo de Hiponia, do que se lhe ficara devendo	Testamenteiro do Bispo de Hiponia	260\$000 reis
Fl. 34v.	1717	Aquisição / feitura de novas chaves para as portas da sacristia e armários e conserto de uma fechadura	Ferreiro / chaveiro	960 reis
Fl. 34v.	1717	Pagamento <i>“ao armador de tirar e por Cortinas na Paschoa, e as do quintal e concerto dellas e Lavar a Sacristia”</i>	Armador	1\$440 reis

CONTINUA

CONTINUAÇÃO

Fólio	Data	Intervenção	Intervenientes	Custos
Fl. 35v.	1720	Conserto da fechadura da porta da sacristia	Ferreiro / chaveiro	1\$200 reis
Fl. 35v.	1720	Lavagem da sacristia		600 reis
Fl. 35v.	1720	Retirar das cortinas vermelhas e colocação das roxas	Armador	240 reis
Fl. 35v.	1720	Retirar das cortinas roxas e colocação das vermelhas	Armador	240 reis
Fl. 35v.	1720-1721	Retirar e colocar as cortinas <i>"athe Abril de 721"</i>	Armador	2\$400 reis
Fl. 35v.	1721	Aquisição de 50 varas de brim <i>"pera cortinas fora das vidraças"</i>		9\$500 reis
Fl. 35v.	1721	Aquisição de <i>"cordas, guitta, feitio e carreto das cortinas"</i>		1\$980 reis
Fl. 35v.	1721	Aquisição de varões de ferro, argolas, roldanas e escâpulas (para a colocação das supra mencionadas cortinas, provavelmente)		2\$850 reis
Fl. 35v.	1721	Limpeza da prata da sacristia	Ourives	600 reis
Fl. 35v.	1721-1722	Retirar e colocar as cortinas <i>"athe Abril de 722"</i>	Armador	
Fl. 36v.	1722	Porta da sacristia, ou seja, <i>"obra do Portico do Convento de Nossa Senhora da Graça /conforme a consignação, que pelo Juizo dos Residuos se fez do dinheiro, que a fabrica estava devendo á testamentaria do Senhor Bispo de Hipponia, que Deos tem, e se entregou ao Mestre Pedreiro Joze dos Santos"</i>	Mestre pedreiro José dos Santos	100\$000 reis
Fl. 36v.	1722	Lavagem da sacristia		600 reis
Fl. 36v.	1722	Aquisição de 2 côvados de tafetã para um abanador		600 reis
Fl. 36v.	1722	Aquisição de um pau para o mesmo abanador		150 reis
Fl. 36v.	1722	Aquisição / feitura de 3 chaves e concerto de outra	Ferreiro / chaveiro	780 reis
Fl. 36v.	1722	Conserto da estante da capela		1\$600 reis
Fl. 36v.	1722	Conserto de <i>"huns azolejos do portal da Sacristia"</i>	Azulejador / mestre pedreiro (?)	120 reis
Fl. 36v.	1722	Conserto do sumidouro do lavatório <i>"conforme o rol do Mestre Pedreiro Joze dos Santos, que remetteo o Padre Sacristão Mor da Graça"</i>	Mestre pedreiro José dos Santos Padre sacristão mor	6\$600
Fl. 36v.	1722-1723	Pagamento ao armador que tirou e pôs as cortinas <i>"athe Abril de 723"</i>	Armador	2\$400 reis
Fl. 36v.	1723	Lavagem da sacristia <i>"pera a festa de Nosso Padre [Santo Agostinho] em 723"</i>		600 reis
Fl. 37	1723	Pagamento do <i>"dinheiro que se devia á testamentaria do Senhor Bispo de Hipponia Conforme o assento a fl. 35, e estava consinado pera o pórtilo da Graça"</i>	Testamenteiro do Bispo de Hiponia	147\$940 reis

CONTINUA

CONTINUAÇÃO

Fólio	Data	Intervenção	Intervenientes	Custos
Fl. 37	1723	Conserto da fechadura de uma porta do santuário da capela	Ferreiro / chaveiro	100 reis
Fl. 37	1723	Aquisição de <i>“oitava e meya de ouro, com que se dourou o pé da Reliquia de S. João de Sahagura, que foy necessário ir ao fogo pera se consertar”</i>	Ourives	3\$100 reis
Fl. 37	1723-1724	Pagamento ao armador que tirou e pôs as cortinas <i>“athe Abril de 724”</i>	Armador	2\$400 reis
Fl. 37	1724	Limpeza e concerto da prata da capela do santuário	Ourives (referido mas não identificado)	4\$800 reis
Fl. 37	1724	Limpeza das tocheiras da capela do santuário	Latoeiro	4\$000 reis
Fl. 37	1724	Carregos		700 reis
Fl. 37	1724	Aquisição / feitura de uma chave para a porta <i>“que vai da Sacristia pera a caza de dentro”</i>	Ferreiro / chaveiro	240 reis
Fl. 37	1724	Realização de uma fonte <i>“que se fez pera [o] Lavatorio da sancristia da Graça em tudo que toca ao officio de pedreiro conforme os Roes do Mestre Pedreiro Joze dos Santos”</i>	Mestre pedreiro José dos Santos	227\$980 reis
Fl. 37	1724	Aquisição / feitura dos <i>“esguichos”</i> da supra mencionada fonte, conserto da <i>“bomba e respiros”</i> do lavatório da sacristia	Latoeiro (referido mas não identificado)	30\$800 reis
Fl. 37	1724	Douramento dos supra mencionados <i>“esguichos”</i> da fonte	Dourador (referido mas não identificado)	12\$800 reis
Fl. 37v.	1724	Aquisição / feitura de um lavatório de <i>“folha de Flandres”</i>	Latoeiro	480 reis
Fl. 37v.	1724	Reparação do telhado da sacristia <i>“conforme o Rol do Mestre Pedreiro Joze dos Santos”</i>	Mestre pedreiro José dos Santos	2\$910 reis
Fl. 37v.	1724	Conserto de uma chave	Ferreiro / chaveiro	120 reis
Fl. 37v.	1724	Conserto da bomba do lavatório	Latoeiro (?)	800 reis
Fl. 37v.	1724	Aquisição de betume		240 reis
Fl. 37v.	1724	Lavagem da sacristia <i>“na ocasião do Capitulo”</i>		480 reis
Fl. 37v.	1724-1725	Pagamento ao armador que tirou e pôs as cortinas <i>“athe Abril de 725”</i>	Armador	2\$400 reis

Bibliografia

ALMEIDA, D. Fernando de. dir. 1973. *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V. Tomo I-Lisboa. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa.

ARAÚJO, Norberto de. 1955. *Inventário de Lisboa*, Fascículo X. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

ARCHIVO Pittoresco. 1864.Vol. II. Lisboa: Castro & Irmão.

BAIÃO, Antônio. 1915. *Alguns Ascendentes de Albuquerque e o seu Filho à Luz de Documentos Inéditos*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

BERNARDINO, Teresa Maria da Silva Leitão. 1973. *As Inscrições da Igreja da Graça de Lisboa*. Lisboa (Dissertação de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, texto policopiado).

BIRG, Manuela. dir. 1988. *João Antunes Arquitecto 1643-1712*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

CARVALHO, A. Ayres de. 1957. Desvenda-se o Misterioso Artista Claude de Laprade. *Diário de Lisboa*, 07.04.

CARVALHO, A. Ayres de. 1962. *D. João V e a Arte do Seu Tempo*. Vol. II. Lisboa: Edição do Autor.

CARVALHO, A. Ayres de. 1964. Novas Revelações para a História do Barroco em Portugal. II. O Mestre das Grandiosas Máquinas Douradas da Lisboa Setecentista. O Artista Claude de Laprade (1682-1738). *Belas-Artes*, 2.ª Série, N.º 20.

CARVALHO, A. Ayres de. 1974. Documentário Artístico do Primeiro Quartel de Setecentos, Exarado nas Notas dos Tabelaões de Lisboa. *Bracara Augusta*. Vol. XXVII, Fasc. 63(75)

COSTA, Pe. Antônio Carvalho da. 1869. *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal*. 2.ª ed. Tomo III. Braga.

COUTINHO, Maria João Pereira, FERREIRA, Sílvia FLOR, Susana Varela, SERRÃO, Vitor. 2011. Um contributo para o estudo do estatuto social dos pintores de Lisboa a partir dos róis de confessados (1664-1720). *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, N.º 96.

CRUZ, Antônio. 1963. *Cartas de Mendo de Fôios Pereira. Enviado de Portugal em Castela (1679-1686)*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ESPÍRITO SANTO, Eugénio do. 1997. *Ameixoeira. Um Núcleo Histórico*. Lisboa: Edição do Autor.

JORGE, Maria Júlia. 1994. Graça (Bairro da). SANTANA, Francisco, SUCENA, Eduardo. dir. 1994. *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quinas & Associados.

LIMA, Durval Pires de. ed.. 1950. *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. 1950. Vol. I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

LOPES, José Maria da Silva. 2001. *Claude de Laprade e o Túmulo da Vista Alegre*. Lisboa (Dissertação de Mestrado em Teorias da Arte apresentado à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, texto policopiado).

MACHADO, Diogo Barbosa. 1752. *Biblioteca Lusitana*. Tomo III. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues.

MARTINS, Fausto Sanches. 1994. *A Arquitectura dos Primeiros Colégios Jesuitas de Portugal: 1542-1759. Cronologia, Artistas, Espaços*. Porto (Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, texto policopiado).

MOREIRA, António Joaquim. 1910. Collecção de Epitaphios, Inscrições e Letreiros Portuguezes. *Boletim Bibliográfico*, Vol. I, Fasc. 2: 202.

PEREIRA, Esteves, RODRIGUES, Guilherme. 1905-1911. *Portugal. Dicionário*. Vol. III. Lisboa: João Romano Torres Editor.

PIMENTEL, António Filipe. 1991. Vivência da Morte no Tempo Barroco: Tumulária Portuguesa dos Séculos XVII e XVIII. AAVV. 1991. *I Congresso Internacional do Barroco. Actas*. Vol. II. Porto: Governo Civil do Porto-Reitoria da Universidade do Porto.

RIBEIRO, Mário de Sampayo. 1939. *A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa.

SALES, Pe. Ernesto. 1925. *Nosso Senhor dos Passos da Graça. Estudo Histórico*. Lisboa: Edição do Autor.

SERRÃO, Vítor. 1998. António Pereira Ravasco, ou a influência francesa na arte do Tempo de D. Pedro II. In BARROCA, Mário Jorge. coord. 1998. *Estudos de Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SERRÃO, Vítor. 2001. *A Cripto-História da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.

SIMÕES, João Miguel Ferreira Antunes. 2002. *Arte e Sociedade na Lisboa de D. Pedro II. Ambientes de Trabalho e Mecânica do Mecenato*. Lisboa (Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, texto policopiado).

SOUSA, J. M. Cordeiro de. 1940. *Inscrições Portuguesas de Lisboa (Séculos XII a XIX)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 31.

VALE, Teresa Leonor M. 1994. *D. Fr. Manuel Pereira Bispo e Secretário de Estado. Poder Eclesiástico, Poder Político e Mecenato Artístico na Segunda Metade do Século XVII*. Lisboa: Ed. Gleba.

VALE, Teresa Leonor M. 2003. *Ars Moriendi: do Efêmero e do Perene na Celebração da Morte no Barroco. Estudios Portugueses*, N.º 3.

VALE, Teresa Leonor M. 2003. 'lavrou-se hum tumulo de pedra e entalhou-se n'elle hum letreiro'. Breve Percurso pela Tumulária do Antigo Convento de S. Domingos de Benfica, Lisboa: abordagem de alguns exemplares relevantes. *Olisipo*, II Série, N.º 18.

VALE, Teresa Leonor M. 2004. *Escultura Italiana em Portugal no Século XVII*. Lisboa: Caleidoscópio.

VALE, Teresa Leonor M. 2005. A Figuração do Indivíduo na Tumulária Portuguesa do Maneirismo e do Barroco (séculos XVI-XVIII). *Artis – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, N.º 4.

VALE, Teresa Leonor M. 2007. *Tumulária Portuguesa do Maneirismo e do Barroco. Surgimento, definição e difusão de tipologias morfológicas e programas iconográficos* (projecto de investigação realizado no âmbito de uma bolsa de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, texto policopiado).

VALE, Teresa Leonor M. 2009. São Francisco Xavier, Túmulo. *Enciclopédia Virtual da Expansão Portuguesa* (www.cham.fcsh.unl.pt/eve).

VALE, Teresa Leonor M. 2009. Obras de Ourives Italianos em Portugal no Século XVIII – os relicários ostensório dos Arrighi e de Antonio Gigli: exemplos da difusão de um modelo. SOUSA, Gonçalo Vasconcelos. coord. *Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria*. Porto: Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes da Universidade Católica Portuguesa.

VALE, Teresa Leonor M. 2010. Do Efêmero ao Perene: as celebrações da morte no panteão régio de Santa Maria de Belém e o modelo dominante na tumulária maneirista portuguesa. In VALE, Teresa Leonor M., FERREIRA, Maria João Pacheco FERREIRA, Sílvia. coord. 2010. *Lisboa e a Festa: Celebrações Religiosas e Cívicas na Cidade Medieval e Moderna. Colóquio de História e de História da Arte. Actas*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

VALE, Teresa Leonor M. 2010. As Ordens Religiosas e a Mobilidade dos Artistas. A Companhia de Jesus e o ourives João Frederico Ludovice: de Roma a Lisboa”, in VALE, Teresa Leonor M., COUTINHO, Maria João Pereira. coord. 2010. *Lisboa e as Ordens Religiosas. Colóquio de História e de História da Arte. Actas*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.